

## **EDUCAÇÃO FINANCEIRA: REFLEXÕES SOBRE UMA MUDANÇA DE COMPORTAMENTO DAS GERAÇÕES Y E Z.**

### **FINANCIAL EDUCATION AND INVESTMENTS: REFLECTIONS ON A CHANGE OF BEHAVIOR OF GENERATIONS Y AND Z.**

Marcos Vinicius Marques Azambuja\*

#### **RESUMO**

O artigo elaborado faz uma análise pormenorizada de uma nova tendência, progressivamente inserida nas gerações X e Y da sociedade brasileira: a busca por Educação Financeira e a crescente consciência compartilhada em alocar recursos monetários de maneira eficaz e inteligente. Elucidar os sinais aparentes de uma mudança de comportamento entre os mais jovens, no que tange às finanças pessoais, intenta um estudo ornado de pioneirismo, desafiador pela sua proposta inovadora. Ao evidenciar a considerável e persistente carência de conhecimentos e de hábitos financeiros saudáveis presente em nosso país - principalmente em comparação com países desenvolvidos -, o presente artigo transcende o papel investigativo, apropriando-se de cunho exortativo ao conscientizar os leitores da relevância e urgência em estabelecer níveis de endividamento adequados, em criar reservas de capital capazes de suportar crises diversas, bem como em designar recursos excedentes para aumento de patrimônio e complementação com a previdência compulsória do Estado. Para respaldar este estudo, o autor analisa os hábitos e ideologias do público-alvo, associando-os com a influência dos formadores de opinião relacionados à Educação Financeira e Investimentos, observando também a grande importância da internet e das redes sociais como fonte de informação ativa, imediata e dinâmica.

Palavras-chave: Educação. Finanças. Nova Geração. Comportamento. Planejamento. Internet

#### **ABSTRACT**

The article elaborates a detailed analysis of a new trend, progressively inserted in the X and Y generations of Brazilian society: the search for Financial Education and the growing shared awareness of allocating monetary resources in an efficient and intelligent way. With a pioneering spirit, the study intends to explain the apparent signs of a change in behavior among the younger generation, regarding personal finances. This study is challenging due to its innovative proposal. It highlights the considerable and persistent lack of knowledge and healthy financial habits present in our country, especially in comparison with developed countries. This article transcends the investigative role and appropriates an exhortative nature. Readers are made aware of the relevance and urgency in establishing adequate indebtedness levels and adequate capital reserves to withstand various crises, designate surplus resources to increase equity and complement the social security contributions compulsorily collected by the State. To support this study, the author analyzes the habits and ideologies of the target audience associating with the influence of opinion makers related to Financial Education and Investments. Also noting the great importance of the internet and social networks as an active, immediate, and dynamic source of information.

Keywords: Education. Finance. New Generation. Behavior. Planning. Internet.

---

\* Discente do Curso de Ciências Contábeis da Universidade La Salle – Unilasalle, matriculado na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, sob a orientação do Prof. Me. Juliano Lautert. E-mail: marcos\_vmab@hotmail.com. Data de entrega: 27 nov. 2020.

## 1 INTRODUÇÃO

Refletindo por um breve espaço de tempo, impressiona saber que Educação Financeira é, no Brasil, um dos temas mais evitados e polêmicos para debater em ambientes familiares, grupos de amigos e situações diversas. Analisando sob o prisma cultural, somos socialmente moldados desde a infância, de maneira a constituir uma mentalidade negativa sobre dinheiro, a qual se reflete em péssimos hábitos financeiros, ocasionando resultados econômicos catastróficos a curto, médio e longo prazo. Dialogar em nossa nação assuntos cujos teores envolvam valores monetários, enriquecimento, rotinas de investimento, crescimento gradativo de patrimônio e até mesmo o alcance da independência financeira é um anátema; aquele que escolhe adotar um estilo de vida baseado na austeridade financeira (e isso basicamente significa alguém que gasta menos do que ganha) e objetiva um acúmulo de patrimônio, é rotulado de forma pejorativa como sovina, materialista e egoísta.

Nosso corpo social adquiriu uma visão distorcida sobre um tema que possui diversos aspectos positivos e úteis. Os impactos econômicos e sociais desta mentalidade são percebidos no cotidiano, desde obras públicas inacabadas e casos de corrupção até a dissolução de famílias. O *status quo*<sup>1</sup> carece de uma reflexão profunda, possibilitando anular um estado de desconhecimento e conformismo generalizado de nossa sociedade. Diante disto, o que nações com o entendimento correto de finanças pessoais têm a nos instruir? E quais seriam os prognósticos caso ocorresse uma conscientização massiva?

Entre perguntas e pressupostos, vislumbra uma expectativa: o repentino interesse das gerações Y e Z por Educação Financeira. Termos proferidos antes somente por profissionais do mercado financeiro (CDB<sup>2</sup>, Tesouro Selic, Reserva de Emergência, Mercado de Capitais, IPO<sup>3</sup>) estão gradativamente se incorporando ao vocabulário popular. O acesso a novas fontes de informação, advindas da popularização da internet, indicam uma correlação positiva com o aumento do conhecimento geral sobre finanças, verificando-se uma rápida multiplicação de perfis nas principais redes sociais cujo conteúdo é direcionado para a Educação Financeira e Investimentos.

Diante das constatações até aqui expostas, o artigo buscará como proposta central o estudo dos agentes responsáveis pela mudança de comportamento das novas gerações, no que tange às Finanças Pessoais. Para argumentar sobre a alteração/inclusão de hábitos, será escrutinado primeiramente a idiosincrasia dominante em nosso país. Por fim, o artigo apresentará as potenciais consequências econômicas e sociais na sociedade brasileira com a consolidação de uma cultura de boas práticas financeiras.

## 2 INFORMAÇÕES E CONSIDERAÇÕES SOBRE A SOCIEDADE BRASILEIRA

Para entender os efeitos da Educação Financeira (concomitante com suas particularidades) em uma determinada nação é imprescindível, antes de quaisquer conclusões, possuir informações quantitativas e qualitativas sobre sua população para ponderações prévias. O IBGE<sup>4</sup> (2020), sendo o órgão oficial do Estado para coleta, organização e apresentação de dados populacionais do Brasil, dispõe em seu *site* uma extensa base informacional para consulta pública. Assim, primeiramente serão expostos os dados referentes ao tamanho da população brasileira e suas características.

---

<sup>1</sup> “o estado das coisas” em latim.

<sup>2</sup> Certificado de Depósito Bancário. Título de renda fixa ofertado pelos bancos.

<sup>3</sup> “*Initial Public Offering*”. Oferta Pública Inicial em português. Ato que transforma uma empresa de capital fechado em capital aberto, passando a negociar suas ações na bolsa de valores.

<sup>4</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Principal provedor de dados e informações geográficas e estatísticas do Brasil.

O número total de habitantes no Brasil em 2010 era de aproximadamente 194,8 milhões de pessoas, sendo 95,5 milhões de homens e 99,3 milhões de mulheres. Para 2020, o IBGE estima que a população seja de 211,7 milhões de habitantes (com uma densidade demográfica de 25,25 hab/km<sup>2</sup>), com 103,5 milhões de homens e 108,2 milhões de mulheres. Enquanto as mulheres representam 51,11% da população total, os homens são 48,89%. Esta diferença percentual nos informa que há 4,7 milhões de mulheres a mais que homens no Brasil em 2020.

Com quase 195 milhões de habitantes em 2010, a média anual de crescimento populacional no Brasil, nos últimos 10 anos, é de aproximadamente 0,86%. Destacam-se também as seguintes projeções do IBGE: a idade mediana, que em 2020 é estimada em 35,44 anos, projeta-se em 41,44 anos em 2040; estima-se que em 2047 a TBM<sup>5</sup> será maior que a TBN<sup>6</sup>. Ou seja, há um prognóstico de que em 2048 haverá o cessamento do crescimento populacional, dando início a uma progressiva redução do número de habitantes; a esperança de vida ao nascer, que em 2020 é estimada em 73,26 anos para homens e 80,25 anos para mulheres, será de 76,55 anos para o gênero masculino e 83,11 anos para o gênero feminino, explicando o prenúncio do aumento da idade mediana e a inversão da pirâmide etária.

Em 2020, a população com idade até 39 anos representa 60,65% do seu total. Porém, em 2040, estima-se que esta mesma faixa etária representará somente 45,08% do número de habitantes totais no país, refletindo uma tendência mundial: o envelhecimento da sociedade como um todo. Outra informação relevante é a de que a população brasileira residente em área urbana representa 86,8% do número total de habitantes em 2019 e, por conseguinte, 13,2% da população reside na zona rural.

A respeito dos indicadores socioeconômicos do Brasil, verifica-se ainda os seguintes dados relevantes: o PIB (Produto Interno Bruto) *per capita* é de US\$ 8.921,00; Em 2019, 63,88% da população de 15 anos ou mais de idade estava economicamente ativa; a taxa de alfabetização, em 2018, das pessoas de 15 anos ou mais era de 93,23%; o acesso à água potável era de 98,19% da população em 2017; com relação à rede sanitária, 88,29% das pessoas tinham acesso a ela em 2017.

Os dados até aqui apresentados – puramente quantitativos – esboçam considerações relevantes para os dados qualitativos acerca das gerações X e Y, expostos no próximo tópico.

## 2.1 Geração Y e Geração Z: análise dos aspectos comportamentais e socioeconômicos

Conforme Leal (2018), compreende-se como geração o grupo de pessoas que nasceram e conviveram no mesmo espaço temporal (consenso de 25 anos). Mais detalhadamente, conceitua-se geração como o agrupamento de indivíduos que estão inseridos em uma mesma conjuntura econômica e social, coparticipando e sendo influenciados pelas mesmas culturas e valores (IMPACTA, 2019).

Inseridas nos dados apresentados no capítulo anterior, as gerações Y e Z convivem em um mundo permeado de inovação e dinamismo sem precedentes na história. Majoritariamente, este cenário caracterizado por rápidas e incessantes transformações explicam as peculiaridades destes novos grupos sociais. Olhando isoladamente para a Geração Y, observamos que é o conjunto formado por

[...] pessoas nascidas em fins dos anos 1970 e início dos anos 1990, marcada por aqueles que viveram em uma época de grandes avanços tecnológicos e prosperidade econômica. As crianças da Geração Y cresceram tendo tudo o que os seus pais (da Geração X) não tiveram, ou seja, crianças acostumadas a

<sup>5</sup> Taxa Bruta de Mortalidade. Número total de óbitos, por mil habitantes, em determinado espaço geográfico, no ano considerado.

<sup>6</sup> Taxa Bruta de Natalidade; Número total de nascimentos, por mil habitantes, em determinado espaço geográfico, no ano considerado.

“fazer acontecer”, a irem atrás dos seus sonhos no momento presente e a não abrirem mão deles com tanta facilidade, mesmo que para isso fosse preciso trocar de emprego com frequência para atingir maior crescimento profissional ou vivenciar mais desafios de carreira. (LEAL, 2018, p. 37).

Vivendo em um período da história de relativa paz e prosperidade, os *Millennials* – como também é conhecida a Geração Y – receberam de seus pais (nascidos entre 1965 e 1981) uma educação com pouca ou até mesmo nenhuma rigidez. Explica-se essa atitude da Geração X com a Y por causa do período conturbado que a geração anterior viveu, acometida por diversas crises e grandes taxas de desemprego. Objetivando mudar o panorama, a *Gen. X* criou os seus descendentes à base do conforto material e relativismo disciplinar. A baixa rigidez na formação comportamental da Geração Y provocou aspectos positivos, como proatividade, adaptabilidade, polivalência e competitividade. Por outro lado, “[...] estes jovens não apresentam a mesma politização da geração de seus pais e, como consomem novidades e informação em larga escala, não conseguem se aprofundar em nenhum assunto.” (ARAUJO, 2020). Outrossim, é reputada como uma geração formada por indivíduos insubordinados, individualistas e superficiais.

A geração Z, cuja origem do nome vem da palavra em inglês *zapping*<sup>7</sup>, compartilha muitos aspectos da Geração Y. Também conhecida como *Centennials*, essa geração

[...] inclui os nascidos entre o fim de 1992 a 2010, conhecidos como os “nativos digitais”, ou seja, aqueles que estão sempre conectados e que, pelo fácil acesso à informação, acreditam ter acesso ao mesmo conhecimento que alguém da Geração X precisou de anos de prática para adquirir. Para essa geração, não existiu um mundo sem facilidades tecnológicas, fazendo com que eles sejam também desapegados às fronteiras geográficas e completamente abertos a conceitos, como os de globalização e diversidade. Para eles, a informação nunca falta e seus maiores enfrentamentos estão relacionados à interação social, ou seja, o excesso de conexão virtual os afasta da conexão real. (LEAL, 2018, p. 37).

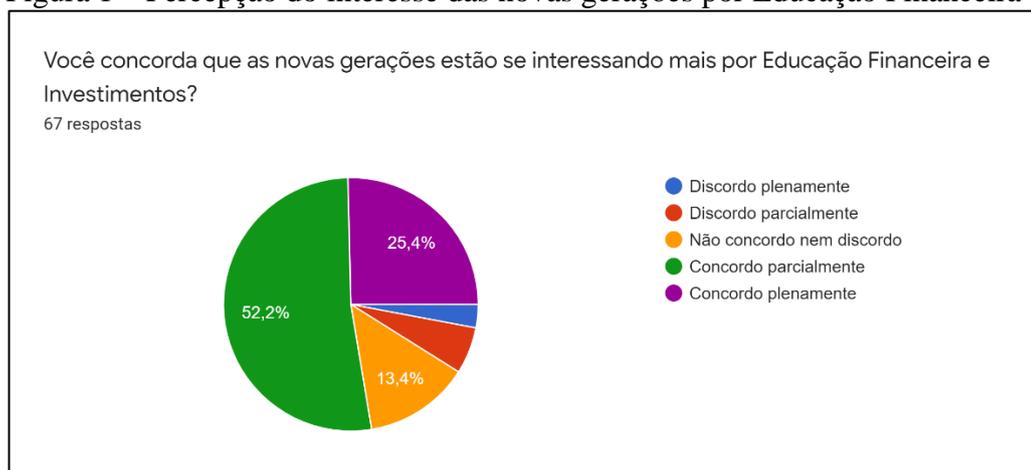
A extrema facilidade de acesso à informação e à tecnologia criaram uma geração de perfil imediatista, pois os últimos fatos e acontecimentos estão sempre à disposição através de um simples toque no *Smartphone* ou *click* no computador. A naturalidade da *iGeneration* com o manuseio da Internet trouxe pontos positivos, pela circunstância de gerar um certo grau de proficiência e habilidade no processamento do fluxo constante de informações. Entretanto, essas benesses contemporâneas fomentaram uma geração cuja personalidade apresenta traços de falta de interesse pela informação e dificuldade em transformar a mesma em conhecimento (SALTORATTO, 2019).

Todas estas características e contextos acerca das Gerações Y e Z até aqui expostas buscam fazer uma conexão com a proposta central deste artigo. Educação Financeira nunca foi tão acessível e abundante quanto é atualmente. Conteúdos e ferramentas de qualidade sobre o assunto estão disponíveis gratuitamente na *Internet* para consulta, aplicação e controle. Profissionais e referências em finanças pessoais estão levantando a bandeira das boas práticas financeiras por todas as redes sociais da *World Wide Web*<sup>8</sup>. Gerações imersas na Era da Informação têm a grande oportunidade de descobrir uma maneira mais sábia de lidar com seu dinheiro e patrimônio. Buscando uma abordagem inicial relacionando as Gerações Y e Z com o tema Educação Financeira e Investimentos, foi elaborada a seguinte pergunta para o público-alvo: você (entrevistado) concorda que as novas gerações estão se interessando mais por Educação Financeira? As respostas foram as seguintes:

<sup>7</sup> Termo americano que caracteriza a constante troca de canais de televisão.

<sup>8</sup> Rede de Alcance Mundial, em inglês. Conhecida também como *Web* ou *WWW*. Sistema de documentos em hipermídia que são interligados e executados na *Internet*.

Figura 1 – Percepção do interesse das novas gerações por Educação Financeira



Fonte: Autoria própria (2020).

Os dados apresentam informações pertinentes: 25,4% dos entrevistados concordam plenamente que as novas gerações estão gradativamente se interessando por Educação Financeira e Investimentos, enquanto que para 52,2% há também uma concordância, porém parcial. 13,4% dos que responderam à pergunta não têm opinião formada sobre o assunto e somente 9% discordam, seja plenamente (3%) ou parcialmente (6%). O levantamento inicial de dados é positivo, respaldando as informações que serão elencadas ao longo do artigo.

O próximo capítulo abordará de modo abrangente as percepções de diversos autores conceituados sobre o tema.

### 3 EDUCAÇÃO FINANCEIRA: PONDERAÇÕES SOBRE CONCEITOS E OPINIÕES

Segundo a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) de 2005, educação financeira é:

o processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram a sua compreensão em relação aos conceitos e produtos financeiros, de maneira que, com informação, formação e orientação, possam desenvolver os valores e as competências necessários para se tornarem mais conscientes das oportunidades e riscos neles envolvidos e, então, poderem fazer escolhas bem informadas, saber onde procurar ajuda e adotar outras ações que melhorem o seu bem-estar. Assim, podem contribuir de modo mais consistente para a formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro. (PREVIC, 2005).

O entendimento de Educação Financeira, de maneira superficial, não representa unicamente um acúmulo de conhecimento: é a potencial formação de uma mentalidade autoconsciente, capaz de desenvolver um apurado raciocínio lógico-matemático e até mesmo capaz de aprimorar a inteligência emocional, mudando nossa forma de compreender e reagir a diversas situações do cotidiano. Dessa forma, o desenvolvimento dessa mentalidade é útil para combater efetivamente desde desejos compulsivos de consumo, com conseqüente endividamento descontrolado, até domínio em análise e gestão de risco, tanto no âmbito financeiro quanto em outras áreas de nossas vidas. A falta de Educação Financeira é uma das grandes deficiências de nossa sociedade. O equilíbrio financeiro advindo do conhecimento em finanças possui a virtude de pacificar lares conflituosos, formar boas reputações e inclusive evitar suicídios.

O analista de investimentos Tiago Reis<sup>9</sup> é bem pragmático quanto à necessidade de a sociedade possuir capacidade para gerir suas próprias finanças. Segundo ele:

Uma pessoa que é educada financeiramente sabe mais do que economizar, ganhar dinheiro e acumular recursos. O grande objetivo desse tipo de ensinamento é capacitar indivíduos para que eles tenham recursos financeiros suficientes para uma melhor qualidade de vida tanto no presente quanto no futuro. (REIS, 2017).

O pensamento apresentado anteriormente por Tiago Reis possui considerável consenso. Considera-se que o ápice da realização pessoal - no que tange finanças - é a independência financeira, situação que se consolida quando todos os rendimentos provenientes de investimentos superam as despesas fixas mensais. Para Nigro (2018), a independência financeira está ao alcance de todos, porém poucos estão dispostos a pagar o preço para isso. Requer sacrifício do conforto presente, do equilíbrio, da mediocridade, da vontade de ser querido, da fragilidade e do perfeccionismo. De acordo com Cerbasi (2013), sair de uma situação deficitária para uma superavitária requer perseverança, objetivos claramente definidos, planejamento de curto, médio e longo prazos, uso inteligente do tempo, organização, disciplina, inteligência tributária, entre outras virtudes.

A Educação Financeira é simples, porém é preciso empenho para quem deseja possuí-la. Independência Financeira requer capacidade de investimento constante. Investimento requer capacidade de poupança. Para gerar poupança é imprescindível planejamento, organização, conhecimento e, não menos importante, controle das próprias emoções.

Se gastamos menos do que ganhamos, se as despesas são menores do que a receita, conseguimos poupar. A partir dessa poupança, é possível investir para alcançar um futuro melhor. Porém, para que isso aconteça, não se pode contar com a sorte. É preciso planejar e ter disciplina tanto para cumprir o planejado quanto para ter controles como os proporcionados por um orçamento. Isso, por sua vez, demanda conhecimentos, habilidades e a atitude correta para que se possa administrar a vida financeira com competência. (PADILHA et al., 2018, p. 11).

O autor salienta no início da citação um pressuposto básico, porém primordial, das Finanças Pessoais: o conhecimento das quatro operações fundamentais da matemática. A simples subtração das receitas pelos custos mensais possibilita identificar a capacidade de poupança de um determinado indivíduo. E justamente com essa disponibilidade financeira que existe a viabilidade da elaboração de toda uma estratégia voltada para aumentar e rentabilizar o patrimônio acima da média. Entretanto, o cumprimento da estratégia requer intelecto e inteligência emocional. Estabelecido os conceitos e opiniões acerca de Educação Financeira, o capítulo seguinte abordará a falta de familiaridade do brasileiro com as Finanças Pessoais.

### **3.1 O povo brasileiro e sua relação superficial com a Educação Financeira**

Conforme noticiado no site BBC (2020), o brasileiro é um dos povos mais endividados do mundo. O fácil acesso ao crédito, somado com a falta de ensino sobre finanças no ensino fundamental e médio, resulta em um expressivo dado: o percentual de famílias brasileiras com algum tipo de dívida subiu de 59,8% em dezembro de 2018 para 60,1% em janeiro de 2019, apontou a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic). A dívida em si

---

<sup>9</sup> Formado em administração de empresas pela FGV (Fundação Getúlio Vargas). Fundador e Diretor Executivo da *Suno Research*.

não é algo negativo. O grande problema é a falta de um planejamento financeiro básico na maioria dos lares brasileiros e a consequente transformação da dívida em inadimplência.

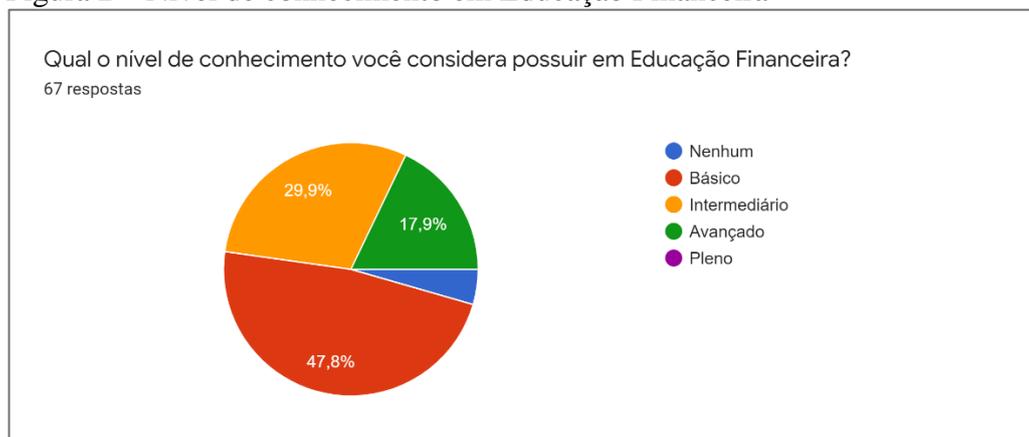
Segundo reportagem em meio eletrônico da Revista Exame (2020), o endividamento dos brasileiros atingiu recorde em março de 2020, conforme a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). Após ter recuado a 65,1% em fevereiro, o percentual de famílias com dívidas saltou para 66,2%, o maior patamar da série histórica da Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic), iniciada em janeiro de 2010.

São dados preocupantes e que deveriam gerar um estado de alerta amplo, pois representam dois terços das famílias brasileiras. Entretanto, perpetua-se na nossa sociedade uma ordem silenciosa de conformismo, abstração e subjetivação da responsabilidade individual. Não raro participamos de conversas em que escutamos que “a culpa é do governo”, “a vida precisa ser curtida agora” ou “não vou levar nada para o túmulo”. Essa mentalidade negativa é agravada por outros fatores. Serviços de crédito, oferecidos pelos Bancos e financeiras, são cada vez mais fáceis e simples de contratação. Dados do Banco Central, entre o período de 2007 a 2016, mostram que passou de 98 para 138 milhões de pessoas a quantidade de maiores de idade que possuem algum tipo de relacionamento bancário. Esse valor representa 87% da população adulta do Brasil. Outro dado interessante é que o volume de crédito do sistema financeiro saltou de 26 para 47% do PIB<sup>10</sup> de agosto de 2003 a agosto de 2018. Refletindo sobre esses dados,

[...] nos dias de hoje os serviços financeiros ocupam um espaço maior no cotidiano das famílias brasileiras, entretanto essa expansão do mercado não parece ter vindo acompanhada de um processo de educação financeira que permita o uso adequado de produtos e serviços. (LEANDRO; GONZALES, 2018, p. 13).

Diante da constatação de que não há – pela grande maioria da população – um consumo consciente dos serviços de crédito, se faz necessária, antes de qualquer aquisição de conhecimento e/ou formação de estratégia para tomada de decisão, uma autocrítica que possibilite cada indivíduo e a nação como um todo saber qual nível de compreensão possui em Educação Financeira. Para isso, o questionário elaborado para o artigo elaborou a seguinte pergunta para os entrevistados: qual o nível de conhecimento você considera possuir em Educação Financeira? As respostas foram as seguintes:

Figura 2 – Nível de conhecimento em Educação Financeira



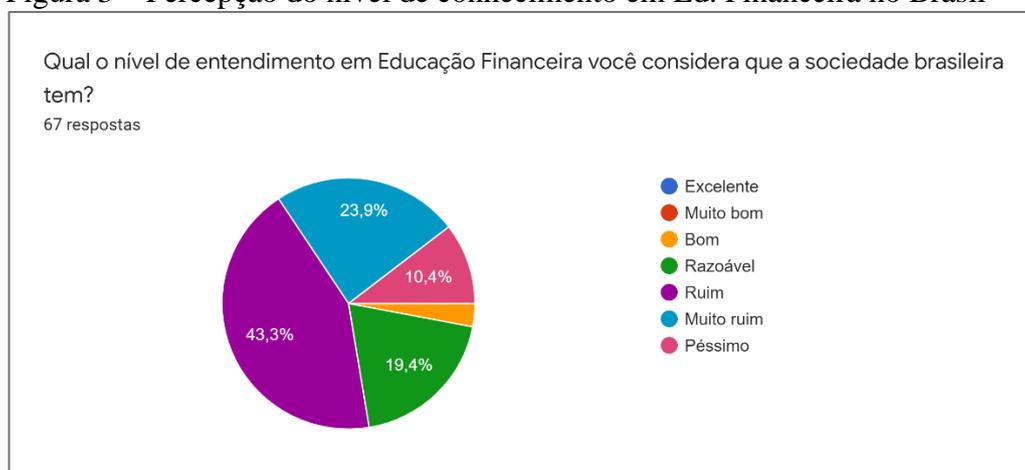
Fonte: Autoria própria (2020).

<sup>10</sup> Produto Interno Bruto. Soma de todos os bens e serviços finais produzidos numa determinada região, durante um período determinado.

Os dados obtidos são, de certo modo, positivos. 47,8% dos entrevistados responderam que possuem um conhecimento básico de Educação Financeira. Apesar de – inicialmente – concluirmos que há uma grande carência de Finanças Pessoais e que este percentual representa quase metade da população entrevistada, este dado também informa que há um fundamento teórico já alicerçado, necessitando então um trabalho em conjunto da sociedade com Estado para desenvolver e consolidar esta concepção básica das boas práticas financeiras. Considera-se também muito expressivo os 29,9% dos entrevistados que afirmaram possuir um conhecimento intermediário, pressupondo então que há uma familiaridade razoável de parcela significativa da população com a Educação Financeira.

Buscando compreender como está a percepção individual acerca do conhecimento coletivo em Finanças Pessoais, foi elaborada também a seguinte pergunta: qual o nível de entendimento em Educação Financeira você considera que a sociedade brasileira tem? Eis as respostas:

Figura 3 – Percepção do nível de conhecimento em Ed. Financeira no Brasil



Fonte: Autoria própria (2020).

Nas respostas desta pergunta observamos uma percepção pessimista dos entrevistados com relação a compreensão geral da nossa população. Mais de  $\frac{3}{4}$  dos interrogados (77,6%) acreditam que a sociedade não possui o entendimento básico necessário em Educação Financeira, sendo que 43,3% opinaram que o conhecimento da nação é ruim, 23,9% entendem que é muito ruim e 10,4% julgam ser péssimos os hábitos financeiros dos brasileiros.

A implementação de uma cultura de bons hábitos financeiros é e sempre foi um grande desafio para o Brasil: quase dois terços da nossa população sofre de analfabetismo financeiro. No presente século,

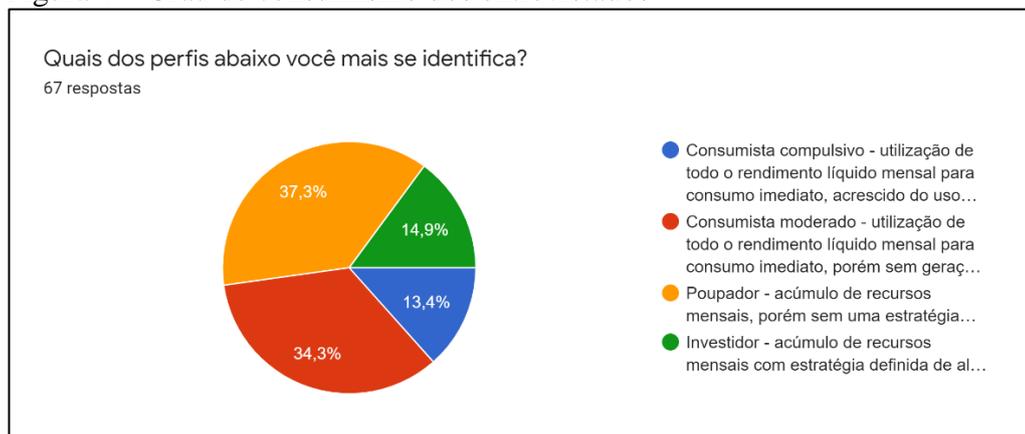
[...] do total dos domicílios no Brasil, apenas 43% fazem regularmente orçamento familiar, índice que chega a 60% no caso da média dos países do G20. Chama também a atenção o índice de apenas 30% de poupadores ativos no Brasil, comparado com 64% na média dos países do G20<sup>11</sup>, chegando a 79% no Canadá, 83% na França e 96% na China. Outra informação importante é que 19% dos brasileiros recorrem a crédito para complementar a renda e cobrir os custos básicos de vida. (LEANDRO; GONZALES, 2018, p. 14).

<sup>11</sup> Criado em 1999, o G20 é um grupo composto pelos ministros de finanças e diretores dos Bancos Centrais das 19 maiores economias do planeta, com a participação também da União Europeia.

O autor evidenciou diversos aspectos negativos dos nossos cidadãos, como a pequena aplicabilidade do orçamento familiar nos domicílios brasileiros, o baixo índice de poupadores e por fim o considerável percentual de pessoas que completam a renda com crédito de terceiros.

Em consonância com o pensamento anterior, foi elaborada a seguinte pergunta: quais dos perfis abaixo você (entrevistado) mais se identifica?

Figura 4 – Grau de consumismo dos entrevistados



Fonte: Autoria própria (2020).

Aqui algumas constatações vêm à tona: 13,4% dos entrevistados responderam que são consumistas compulsivos, ou seja, utilizam todo salário do mês e ainda recorrem a limites de crédito rotativo para manter o custo de vida, gerando um preocupante endividamento exponencial que pode resultar em inadimplência dos compromissos e pagamento de juros excessivos. 34,3% dos entrevistados entendem que são consumistas moderados. Aqui há o desembolso de todo rendimento líquido mensal para cobrir o custo de vida, porém sem geração de dívida. Estes dados apresentam uma informação negativa: quase metade dos entrevistados (47,7%) não geram poupança de fontes de renda para enfrentar uma emergência ou suportar eventuais crises econômicas. Por fim, dos 52,2% dos entrevistados que alegaram gerar excedentes financeiros todos os meses, somente 14,9% afirmaram possuir um perfil investidor, ou seja, saber alocar de maneira inteligente o capital para obter um retorno acima da média.

Todas as informações até aqui expostas formam um diagnóstico contundente: somos uma nação cuja sociedade é adepta do consumismo imediato, está endividada, não sabe alocar os recursos financeiros excedentes e não possui consciência dos males advindos da falta de Educação Financeira. Para fins comparativos, há exemplos práticos de que boas práticas financeiras resultam em desenvolvimento econômico e qualidade de vida? A seguir, serão analisados os países cujas sociedades possuem elevada Educação Financeira e o que eles têm a ensinar para o Brasil.

### 3.2 Os países desenvolvidos e suas lições para o Brasil no aspecto das Finanças Pessoais

Também nomeados como “países de primeiro mundo” ou “países industrializados”, os países desenvolvidos são aqueles cuja população possui, de modo geral, uma qualidade de vida elevada, bem como altos índices socioeconômicos, demonstrados em referências como IDH<sup>12</sup> e índice de *Gini*<sup>13</sup>. As justificativas para o sucesso dessas nações são diversas, desde o alto grau

<sup>12</sup> O Índice de Desenvolvimento Humano mede e avalia o desenvolvimento de uma nação conforme os seus aspectos sociais e econômicos, como qualidade de vida, renda e escolarização.

<sup>13</sup> Criado pelo matemático italiano Conrado Gini, é um instrumento para medir o grau de concentração de renda em determinado grupo.

de industrialização como também pelo ótimo nível de escolaridade da sociedade. Podemos também creditar o desenvolvimento desses países em virtude da consciência financeira de sua população?

Analisando através do índice de alfabetização financeira, existem

[...] grandes variações entre países e regiões na pesquisa da *Standard & Poor's*<sup>14</sup>. Enquanto na média o índice de alfabetização financeira é de 55% dos adultos nas economias mais avançadas (Canadá, França, Alemanha, Itália, Japão, Reino Unido e Estados Unidos), atinge apenas 28% nos países chamados BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul). No caso do Brasil, esse índice é de 35% dos adultos. (LEANDRO; GONZALES, 2018, p. 14).

Esta grande diferença do índice de alfabetização financeira do Brasil em relação à média dos países desenvolvidos desperta o interesse em descobrir as políticas educacionais que tornaram estes países tão competentes em propagar boas práticas de finanças pessoais para a sua população. O presente artigo apresentará as estratégias e ações de duas das nações mais bem sucedidas do mundo: os Estados Unidos da América e a Austrália.

Em seus estudos sobre a Educação Financeira nos Estados Unidos, Vieira e Pessoa (2020) expõem que a Estratégia Nacional de Alfabetização Financeira, coordenada pela Comissão Federal de Educação Financeira em conjunto com o Gabinete de Educação Financeira do Departamento do Tesouro Americano, possui a incumbência de aumentar o acesso à informação, à educação e às ferramentas que assessorem as pessoas e as famílias a tomarem boas decisões financeiras em vista da crescente complexidade dos ambientes de consumo e crédito, pois “o bem-estar financeiro dos indivíduos e das famílias é fundamental para a estabilidade financeira nacional e a falta de alfabetização financeira é uma barreira que pode reduzir os padrões de vida e limitar a prosperidade” (OCDE apud VIEIRA; PESSOA, 2011, p. 01).

A manutenção do sucesso financeiro dos Estados Unidos e o consequente bem-estar das famílias americanas está sustentada em quatro políticas estabelecidos pela Estratégia Nacional de Alfabetização Financeira, a saber:

(1) Aumentar o conhecimento e o acesso à EF de forma eficaz, através de diferentes canais, como escolas, empregadores, (...) fazendo com que indivíduos tenham acesso aos conhecimentos de educação financeira, através de fontes confiáveis, relevantes e eficazes para promover a alfabetização financeira; (2) Determinar e integrar competências financeiras essenciais, uma vez que tais competências irão fornecer aos indivíduos as informações necessárias para agir em diferentes idades e fases da vida e, com isso, terão condições de tomar decisões bem informadas; (3) Melhorar a infraestrutura da EF, indicando áreas de ação, diretrizes e recomendações, capacitando prestadores e mentores de EF, para que a temática entre o quanto antes nas escolas, nas faculdades, nos centros técnicos de carreira e nos locais de trabalho, por meio de uma abordagem baseada na psicologia da tomada de decisão; (4) Identificar, aprimorar e compartilhar práticas de EF eficazes, através de pesquisas que permitam avaliar a eficácia dos programas, mensurar seus resultados e mapear periodicamente o conhecimento financeiro e a tomada de decisão dos indivíduos e das famílias. (VIEIRA; PESSOA, 2020, p. 18).

Esta grandiosa estratégia americana só é viável com a participação de todas as instituições, sejam elas públicas ou privadas, com ou sem fins lucrativos. Verificamos aqui a

<sup>14</sup> Divisão do grupo *McGraw-Hill* que publica análises e pesquisas sobre bolsa de valores e títulos. É uma das três maiores agências de classificação de risco, ao lado da *Moody's* e da *Fitch Ratings*.

grande lição americana para o Brasil: a implementação da Educação Financeira é um dever e comprometimento de todos os setores da sociedade.

Prosseguindo com os ensaios de Vieira e Pessoa (2020), constatou-se que a Austrália possui políticas de Educação Financeira mais recentes do que as aplicadas nos Estados Unidos. A Comissão Australiana de Valores Mobiliários e Investimentos (ASIC) publicou a sua primeira versão da Estratégia Nacional de Alfabetização Financeira em 2011, com o intuito de aprimorar a alfabetização financeira dos australianos. Em 2014, houve uma retificação da Estratégia, objetivando consolidar a descrição de alfabetização financeira e ressaltar a função desempenhada pelas circunstâncias pessoais na constituição de atitudes e comportamentos, reconhecendo a continuidade e o dinamismo do processo de alfabetização financeira.

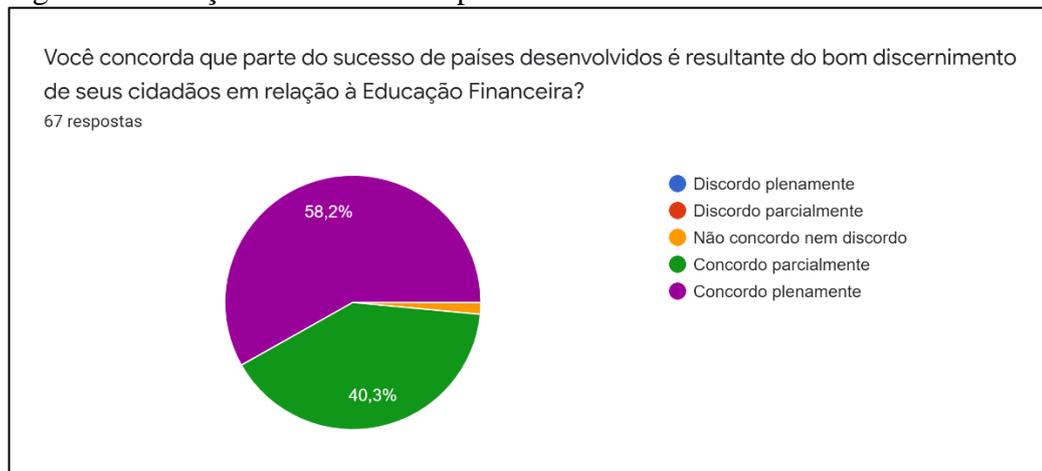
A versão atualizada da Estratégia Nacional de Alfabetização Financeira Australiana estabeleceu que “a alfabetização financeira tornou-se uma condição prévia para tomar decisões financeiras sólidas, baseadas em circunstâncias pessoais, para melhorar o bem-estar financeiro” (ASIC apud Vieira, 2014, p. 18). Partindo deste pressuposto, a Estratégia Nacional da Austrália assevera que existem circunstâncias que conduzem à tomada de decisões financeiras, tais como: aspectos ambientais, comportamentais, emocionais, econômicos, entre outros.

Para educar financeiramente a população de maneira assertiva e eficaz, a Estratégia Australiana foca em cinco prioridades: educar a próxima geração através do sistema formal de ensino; agregar o uso de informações, ferramentas e recursos livres e imparciais; conceder suporte e direção voltados à qualidade; estimular a formação de parcerias eficazes e; aprimorar o estudo, controle e avaliação dos programas de Educação. Enquanto as três primeiras prioridades estão voltadas para a capacitação das individualidades, as restantes fornecem subsídio às instituições relacionadas em pesquisa sobre alfabetização financeira.

Similar ao modelo americano, a Estratégia Australiana se fundamenta em pilares (sete no total), os quais são: inclusão, engajamento, diversidade, conhecimento, parceria, aprimoramento e controle. Apesar de sua considerável estrutura, a Estratégia Nacional da Austrália tem a intenção de ser também flexível, possibilitando se adaptar às mudanças internas e externas e permitindo que novos agentes possam contribuir ao longo do tempo.

Diante deste contexto, foi elaborada a seguinte pergunta: você (entrevistado) concorda que parte do sucesso de países desenvolvidos é resultante do bom discernimento de seus cidadãos em relação à Educação Financeira? As respostas foram as seguintes:

Figura 5 – Relação do sucesso dos países desenvolvidos com a Ed. Financeira



Fonte: Autoria própria (2020).

Aqui, verifica-se uma opinião quase unânime entre os que participaram voluntariamente do questionário: 58,2% dos entrevistados responderam que concordam plenamente que uma

das razões do sucesso dos países desenvolvidos é o discernimento satisfatório de seus cidadãos sobre finanças pessoais. Somando aos 40,3% dos participantes que alegaram concordar parcialmente, 98,5% acreditam que uma percepção apurada em Educação Financeira por parte de sua população é uma qualidade característica de um país desenvolvido.

A Estratégia Americana e a Estratégia Australiana possuem uma característica em comum: fomentar em seus cidadãos hábitos saudáveis e consolidar comportamentos que se perpetuem por diversas gerações. Escrutinar a formação de hábitos financeiros será o cerne dos próximos parágrafos.

#### **4 CRIANDO HÁBITOS E CONSOLIDANDO COMPORTAMENTOS**

Um estudo realizado pela OCDE no ano de 2017 expõe que a alfabetização financeira resulta da aquisição de conhecimentos diversos como: inflação, juros, diversificação e relação risco/retorno. O destaque do estudo é que, além dessa aquisição teórica, é preciso moldar o comportamento, criando hábitos que propiciem o controle das finanças, controle do ego para evitar impulsos consumistas e perseverança para focar no longo prazo (LEANDRO, 2018).

A plenitude da boa saúde financeira vai além do âmbito material: é necessária a aquisição de bons comportamentos que permitam não somente a consolidação do patrimônio, mas a manutenção dele. Envolve a substituição de hábitos prejudiciais em hábitos saudáveis, porém é um processo que envolve persistência.

[...] embora o processo de mudança de hábito seja fácil de descrever, nem por isso ele é necessariamente fácil de realizar. [...] A mudança legítima exige esforço e autocompreensão dos anseios que impelem os comportamentos. Mudar qualquer hábito exige determinação.

[...] acham meios de substituir suas rotinas autodestrutivas por rotinas mais saudáveis, mesmo se elas não estiverem totalmente cientes do que estão fazendo nesse momento. Entender as deixas e os anseios que impulsionam seus hábitos não vai fazer com que eles desapareçam de repente – mas vai lhe fornecer um meio de planejar como mudar o padrão. (DUHIGG, 2012, p. 94).

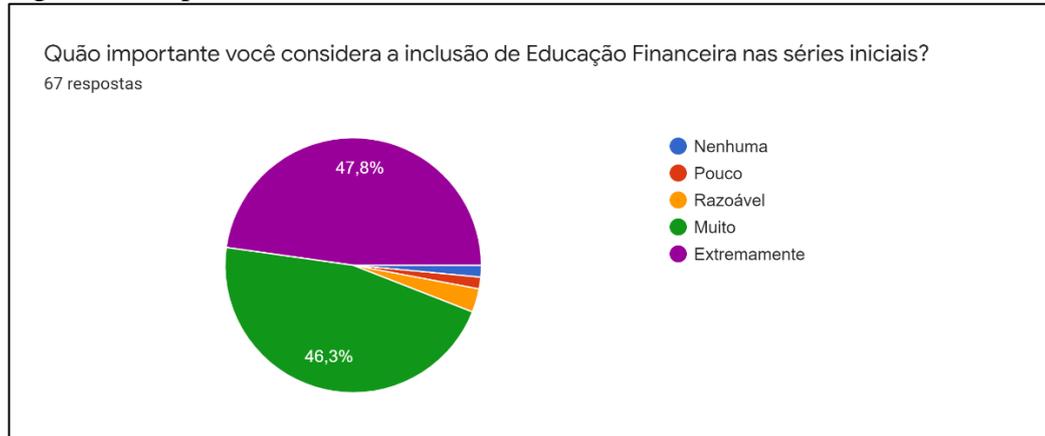
Necessário então destacar a importância de promover boas práticas de Educação Financeira já nos primeiros anos, período da vida em que a absorção de conteúdo e construção de hábitos são mais eficientes.

A promoção da educação financeira começa durante a infância, ao acompanhar os pais em supermercados e lojas em geral, e observar a troca de dinheiro por bens, mercadorias e serviços.

Apesar da aprendizagem financeira continuar ao longo de toda a vida, as primeiras lições dos anos de desenvolvimento cognitivo perduram nas atitudes da fase adulta. (BOWEN apud DAL MAGRO et al, 2002).

O autor destaca que comportamentos sólidos e duradouros se formam nos primeiros anos de vida. Por causa disso, estímulos voltados para a implementação de boas práticas financeiras se mostram muito mais eficazes em crianças do que em adultos, estágio da vida onde hábitos e comportamentos já estabeleceram raízes profundas e dificilmente conseguem ser removidos para a implementação de novos hábitos. Procurando captar a percepção das Gerações Y e Z sobre a importância de promover, já na infância, bons hábitos e valores relacionados a finanças pessoais, foi elaborada a seguinte pergunta: Quão importante você considera a inclusão de Educação Financeira nas séries iniciais? As respostas foram as seguintes:

Figura 6 – Importância da inclusão de Ed. Financeira nas séries iniciais



Fonte: Autoria própria (2020).

Novamente os resultados foram expressivos, pois 94,1% dos entrevistados consideram que é ponderoso a inclusão da Educação Financeira já nos primeiros anos letivos, sendo que 47,8% acreditam que é extremamente importante e 46,3% creem que é muito importante. As respostas somente comprovam a consciência que as novas gerações têm sobre o estabelecimento da cultura da Educação Financeira já durante os primeiros anos de vida.

A consolidação de uma cultura de boas práticas de Educação Financeira no nosso país é um processo que atravessará diversos anos. Existe a necessidade imediata do esforço conjunto e contundente do círculo familiar com o Estado em ensinar o gerenciamento das finanças pessoais para os futuros responsáveis em comandar o Brasil. Mas onde buscar fonte de conhecimento para a mudança de comportamento da presente geração de hoje?

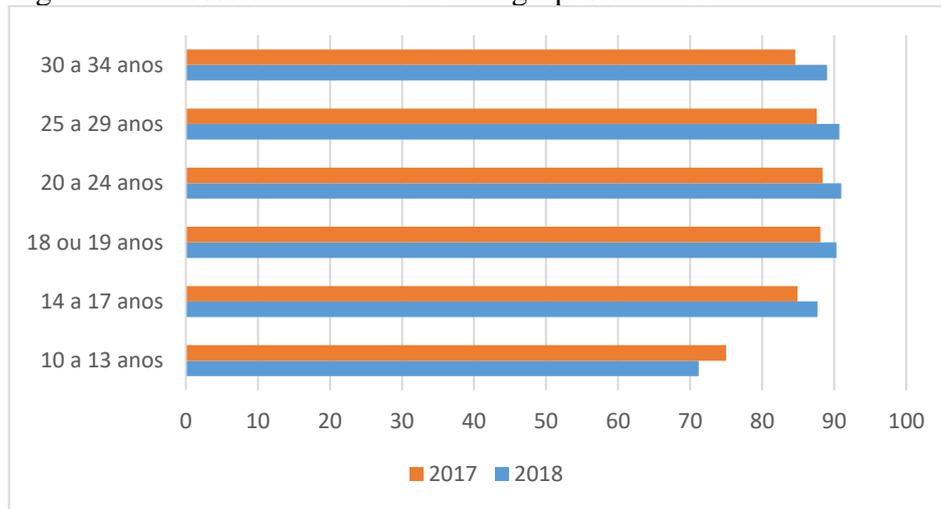
## 5 OS AGENTES RESPONSÁVEIS POR UMA MUDANÇA DE COMPORTAMENTO

Ao avaliar meios de comunicação como jornal, televisão e rádio, constata-se uma característica comum entre eles: todos são fontes de informação passiva. Isto significa que, pelo menos durante os anos onde esses veículos de informação eram os únicos disponíveis para recebimento de notícias, o receptor da informação não possuía a autonomia de definir qual informação e/ou assunto específico queria consumir em determinado momento. O leitor/telespectador/ouvinte estava limitado então a assentir com o conteúdo informacional que estava sendo transmitido pelos meios de comunicações citados anteriormente. Esta inflexibilidade e ausência (até o século passado) de interatividade com esses veículos de comunicação esclarece, em parte, a explosão de popularidade que é a internet atualmente, justamente por ser um canal extremamente mais dinâmico no fluxo de informações.

Acessível apenas para as famílias de alta renda no fim do século anterior, a internet no Brasil passou por um processo de maior inserção em todas as classes sociais, e isso foi possível devido alguns fatores: maior variedade de equipamentos eletrônicos que possibilitam o acesso à rede mundial (computador, televisão, *smartphones*, *tablets*, etc.); redução nos preços dos acessórios necessários para acessar os conteúdos *online* e; facilidade da Pessoa Física em contratar crédito para consumo.

De acordo com dados do IBGE, a Internet era utilizada em 79,1% dos domicílios brasileiros em 2018 - um crescimento considerável, se comparado ao ano de 2017 (74,9%). Entretanto o destaque é apresentado na figura a seguir, onde é exposto os grupos de idade que mais utilizaram a Internet neste período.

Figura 7 – Acesso à Internet conforme grupos de idade

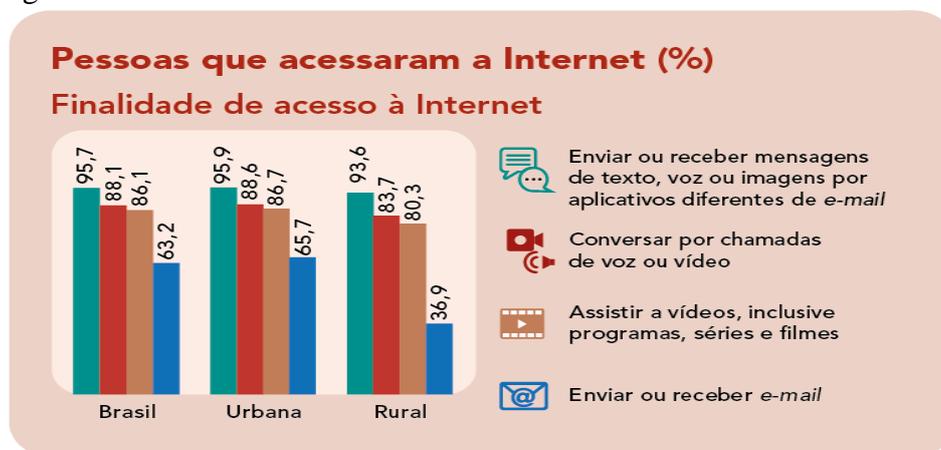


Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2017-2018 (2018).

A imagem apresenta a notória conectividade das Gerações Y e Z com a Internet. Expressivos 75% dos jovens brasileiros entre 10 a 13 anos estavam utilizando a rede mundial de computadores em 2018, tendo um aumento considerável comparado com 2017, onde 71,2% do grupo da mesma idade estava “navegando” nas páginas da *World Wide Web*. Os percentuais são ainda maiores observando os demais grupos de idade pertencentes ao *Millenials* e *Centennials*. Entre 14 a 17 anos, 87,7% acessavam a Internet em 2018. Do grupo com idade de 18 e 19 anos, impressionantes 90,3% estavam *online*. O grupo mais imerso no mundo virtual é o composto com idades entre 20 a 24 anos: 91% estava, no ano de 2018, com acesso regular ao universo tecnológico.

Entretanto, mais importante do que concluir que há uma expressiva quantidade de jovens que acessam a Internet atualmente, é imperativo compreender os motivos que levam este grupo de indivíduos a utilizá-la. De modo objetivo, a figura a seguir apresenta as principais finalidades que conduziram as pessoas acessarem a Internet em 2018 no Brasil e em cada uma das áreas (rural e urbana):

Figura 8 – Finalidade de Acesso à Internet

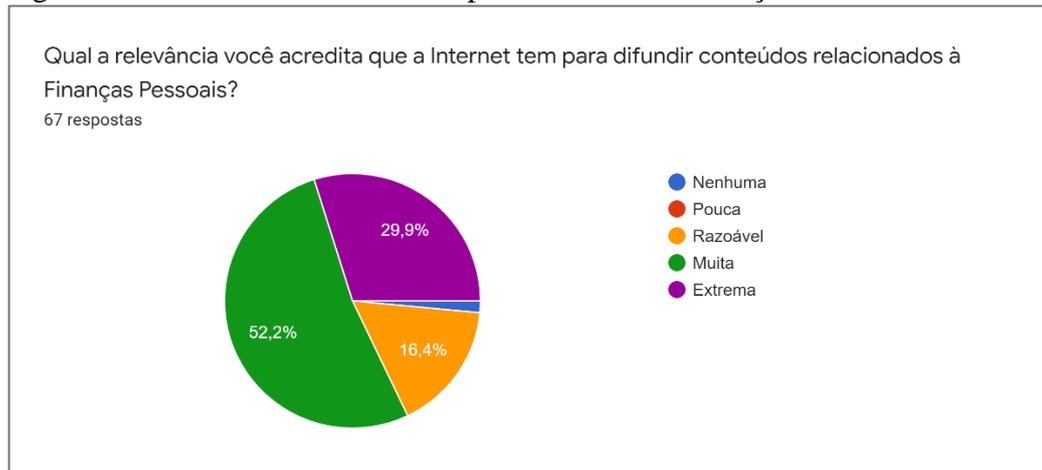


Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (2018).

O grande destaque é o percentual de pessoas que utilizam a Internet para coleta de informações, seja através de mensagens de texto, voz ou imagens (95,7%), seja por vídeos,

programas, séries e filmes (86,1%). Esses percentuais expressam a antiga necessidade do ser humano de se comunicar e receber informações para análise e tomada de decisões. Relacionando ao tema do artigo, o quanto a busca das Gerações Y e Z por Educação Financeira contribui para estes expressivos dados? O questionário elaborado para o artigo fez a seguinte pergunta para os entrevistados: qual a relevância você acredita que a Internet tem para difundir conteúdos relacionados à Finanças Pessoais? Na figura abaixo estão as seguintes respostas:

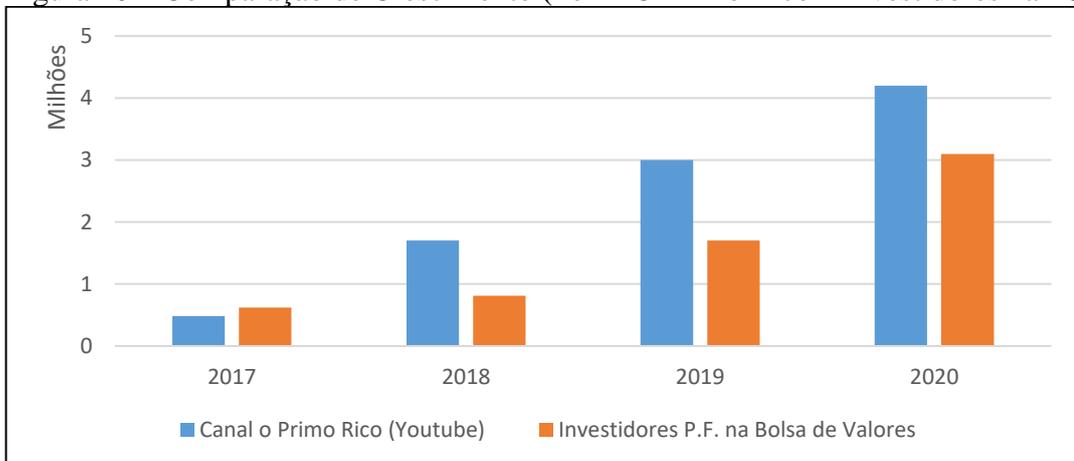
Figura 9 – Internet e sua relevância para difusão da Educação Financeira



Fonte: Autoria própria (2020).

Observa-se que 52,2% dos entrevistados declararam que a Internet é uma ferramenta muito relevante para a propagação da Educação Financeira. Mais de 1/3 dos entrevistados (29,9%) acreditam na extrema relevância da rede mundial de computadores para difusão de conteúdos educativos referentes a Finanças Pessoais e somente 16,4% dos entrevistados responderam que o canal digital de comunicação não é tão relevante. Procurando identificar uma relação prática entre a quantidade de acessos na Internet para conteúdos voltados à Finanças e o número de investidores Pessoa Física no Brasil, foi feito um levantamento da quantidade de inscritos no canal do *YouTube* O Primo Rico, um dos mais populares canais em Educação Financeira das Redes Sociais, e o número de CPF's inscritos na Bolsa de Valores de São Paulo. A seguir está o gráfico com os dados levantados:

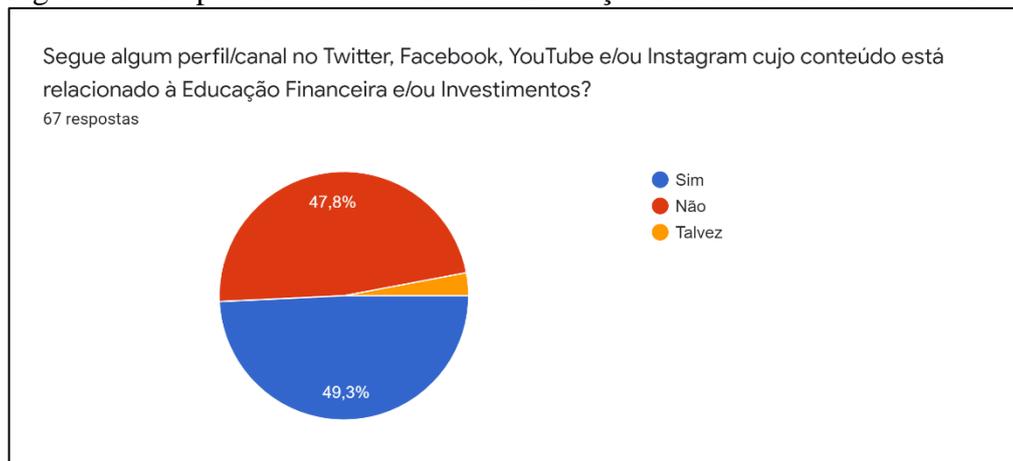
Figura 10 – Comparação de Crescimento (Perfil O Primo Rico x Investidores na B3)



Fonte: Autoria própria (2020).

Aqui verificamos um crescimento similar e consistente nas duas variáveis. Em 2017, o canal de Educação Financeira O Primo Rico tinha 483 mil inscritos no *Youtube*, enquanto a Bolsa de Valores possuía 619 mil investidores. No ano de 2018, o canal do influenciador digital Thiago Nigro cresceu 252%, com um total de 1,7 milhão de inscritos. Já a B3 obteve um crescimento mais modesto (31,34%), porém considerável. Os anos de 2019 e 2020 são os que contêm os dados mais expressivos, principalmente na taxa de crescimento de CPF's cadastrados na Bolsa de Valores. 1,7 milhão de investidores Pessoa Física investiam em renda variável<sup>15</sup> através da B3 em 2019, mais do que o dobro comparado com o ano de 2018. Em 2020, este número saltou para 3,1 milhões, 82,35% em relação ao ano anterior. Neste mesmo período, o canal do *Youtuber* cresceu para 3 milhões (2019) e 4,2 milhões (2020), respectivamente. Considerando que, nos anos anteriores à popularização dos influenciadores em Educação Financeira na Internet, o número de investidores na Bolsa permanecia estável, há uma razoável possibilidade de as variáveis possuírem uma correlação positiva, ou seja, uma das grandes causas do aumento do número de investidores na Bolsa é devido ao maior conhecimento em Investimentos através de canais de Educação Financeira no *Youtube* como “O Primo Rico”. Refletindo sobre esse pressuposto, o questionário elaborado para o artigo fez a seguinte pergunta para os entrevistados: segue algum perfil/canal no *Twitter*, *Facebook*, *Youtube*, e/ou *Instragram* cujo conteúdo está relacionado à Educação Financeira e/ou Investimentos? As respostas foram as seguintes:

Figura 11 – Popularidade dos canais de Educação Financeira nas redes sociais



Fonte: Autoria própria (2020).

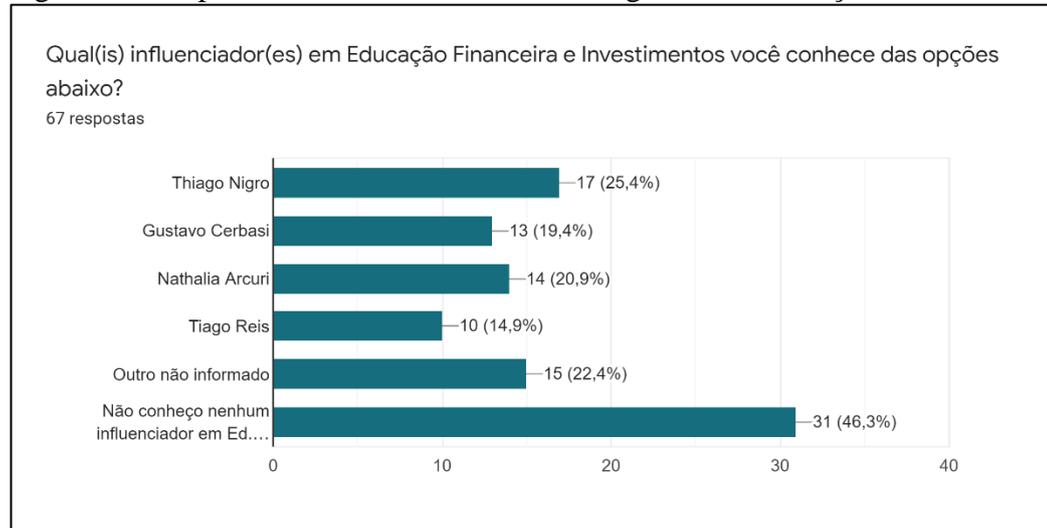
Metade dos entrevistados (49,3%) alegam que seguem algum perfil/canal cuja temática está ligada a Finanças Pessoais e Investimentos. Os dados são expressivos, considerando que este tema não possui apelo midiático e não está diretamente relacionado ao entretenimento. Apesar de ainda existirem poucas referências no tema, alguns influenciadores já atingiram uma maturidade tanto na qualidade do conteúdo apresentado, quanto na consolidação de um público fiel e ávido por consumir seus materiais elaborados. O maior exemplo é Thiago Nigro, 30 anos e *digital influencer*. Dono da maior audiência da internet na área de investimentos, seus números são relevantes: 319,6 milhões de visualizações totais no *Youtube*, com 4,2 milhões de seguidores; 4,4 milhões de seguidores no Instagram; mais de 1 milhão de *downloads* mensais do seu *podcast* no *Spotify*; 484 mil membros no *Telegram*; 128 mil usuários no *WhatsApp*. Com

<sup>15</sup> Ativo cuja rentabilidade não pode ser definida no momento da aplicação, sendo possível oscilar positivamente ou negativamente, de acordo com as expectativas do mercado.

uma expectativa de seu negócio gerar um *Ebitda*<sup>16</sup> de R\$ 100 milhões em 12 meses, significa um valor de mercado de aproximadamente R\$ 1,2 bilhão (MASSON, 2020). A influência de Nigro transcende a Internet, alcançando também a literatura. Seu livro “Do mil ao milhão, Sem Cortar o Cafezinho” foi o terceiro livro mais vendido no Brasil em 2019, tornando-se um *Best Seller*, feito muito notável considerando que o livro tem como tema Educação Financeira e Investimentos.

Demais *influencers* de Finanças Pessoais também causam repercussão nas redes sociais. Objetivando perceber suas popularidades, o questionário fez a seguinte pergunta para os entrevistados: qual(is) influenciador(es) em Educação Financeira e Investimentos você conhece das opções abaixo? Eis as respostas:

Figura 12 – Popularidade dos influenciadores digitais em Educação Financeira



Fonte: Autoria própria (2020).

Apresentando os principais influenciadores contemporâneos em Educação Financeira, 25,4% dos entrevistados responderam que conhecem Thiago Nigro, 19,4% conhecem Gustavo Cerbasi, 20,9% sabem quem é Nathalia Arcuri e 14,9% conhecem Tiago Reis. 22,4% alegaram que conhecem outros influenciadores não informados, e 46,3% responderam que não conhecem nenhum influenciador em Finanças Pessoais.

## 6 PROGNÓSTICOS ECONÔMICOS E SOCIAIS PARA O BRASIL

Muito além de beneficiar individualmente aqueles que seguem os mandamentos das boas práticas financeiras, a consciência e a ação coletiva da Educação Financeira possuem a imensa capacidade de produzir um “efeito dominó” positivo em toda uma nação, tanto no âmbito econômico, quanto no âmbito social. As carências – relacionadas à falta de instrução do povo brasileiro no que tange finanças pessoais – ainda são muito evidentes, mas a mudança de comportamento das Gerações Y e Z possibilita a criação de cenários positivos para o futuro das novas gerações e, conseqüentemente, para o nosso Brasil.

Analisando através da ótica econômica, a consciência financeira de uma sociedade resulta em melhores alocações de capital, que por sua vez auxiliarão no desenvolvimento da nação. Para isso,

<sup>16</sup> Sigla em inglês para *Earnings before interest, taxes, depreciation, and amortization*. Em português, “lucros antes dos juros, impostos, depreciação e amortização”. Indicador conhecido por representar o resultado operacional das empresas.

[...] a atenção deve ficar voltada para as políticas que incentivem as pessoas a se abster de parte do consumo presente. Um mercado financeiro e de capitais razoavelmente desenvolvido é um fator importante na mobilização de recursos para a formação de capital e na canalização desses recursos das famílias, via intermediários financeiros, para o investimento das empresas. (Vasconcellos; Garcia, 2014, p. 280).

Dessa forma, empresas capitalizadas resultam em investimentos, seja através de ativos imobilizados e estoques para venda, seja em recursos humanos - com promoções de cargos e admissões –, girando a roda da economia. Mais do que somente possuir poupança, um país desenvolvido é aquele que sabe onde alocar seus recursos de modo eficaz e eficiente.

Analisando através da ótica dos deveres como cidadão, tornar-se uma pessoa educada financeiramente permite que o indivíduo se torne mais consciente e responsável, não somente pelo seu próprio patrimônio, como também pelo patrimônio público. Isso significa um cidadão mais criterioso e exigente para escolher seus representantes na esfera municipal, estadual e federal, além de supervisionar os gestores públicos eleitos, durante o período de seus mandatos. Neste contexto, a seguir é apresentado O Índice de Percepção da Corrupção (IPC) desenvolvido pela *Transparency International*<sup>17</sup>, elencando os níveis de percepção da corrupção no setor público de 180 países/territórios em todo o mundo.

Figura 13 – Índice de Percepção da Corrupção (2019)

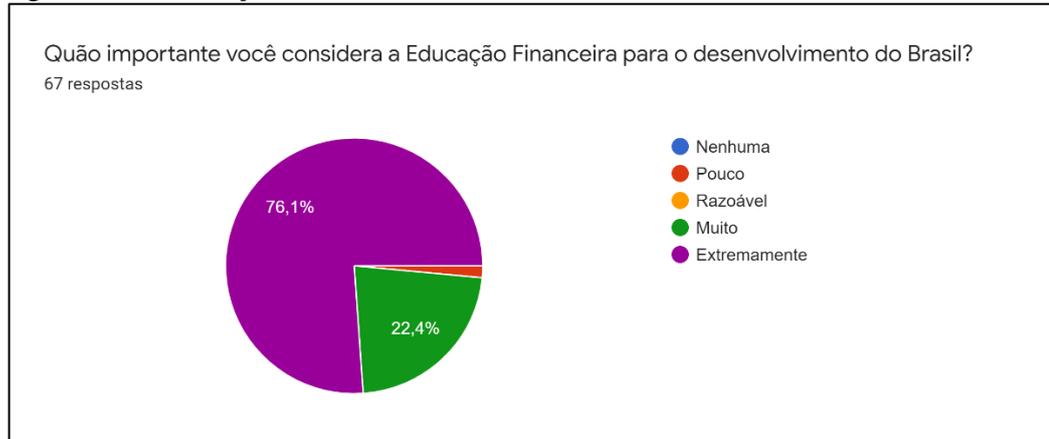
PONTUAÇÃO	PAÍS/TERRITÓRIO	POSIÇÃO	PONTUAÇÃO	PAÍS/TERRITÓRIO	POSIÇÃO	PONTUAÇÃO	PAÍS/TERRITÓRIO	POSIÇÃO
87	Dinamarca	1	69	Estados Unidos	23	36	Kosovo	101
87	Nova Zelândia	1	68	Butão	25	36	Panamá	101
86	Finlândia	3	67	Chile	26	36	Peru	101
85	Singapura	4	66	Seicheles	27	36	Tailândia	101
85	Suécia	4	65	Taiwan	28	35	Albânia	106
85	Suíça	4	64	Bahamas	29	35	Argélia	106
84	Noruega	7	62	Barbados	30	35	Brasil	106
82	Holanda	8	62	Portugal	30	35	Costa do Marfim	106
80	Alemanha	9	62	Catar	30	35	Egito	106
80	Luxemburgo	9	62	Espanha	30	35	Macedônia	106
78	Islândia	11	61	Botsuana	34	35	Mongólia	106
77	Austrália	12	60	Brunei	35	34	El Salvador	113

Fonte: Autoria própria (2020).

Os destaques são as posições de Austrália, Estados Unidos e Brasil. Os dois primeiros são países desenvolvidos que tiveram suas Estratégias de Educação Financeira analisadas por esta obra. O país da Oceania ocupa o 12º lugar e a maior potência econômica mundial ocupa a 23ª colocação da lista. No entanto, o Brasil é somente o 106º país dentre 180 países, possuindo fatores de corrupção tão explícitos quanto de países como El Salvador, Mongólia e Argélia. Reformas políticas e administrativas contribuiriam positivamente para a melhoria desta colocação, mas salienta-se novamente que um povo Educado Financeiramente possui a virtude de escolher e supervisionar melhor os seus governantes. Para complementar a argumentação, o questionário elaborou a seguinte pergunta para o público-alvo: quão importante você considera a Educação Financeira para o desenvolvimento do Brasil?

<sup>17</sup> A Transparência Internacional é um movimento global com uma visão: um mundo em que governos, empresas, a sociedade e as vidas de pessoas estejam livres de corrupção. Com mais de 100 capítulos no mundo todo e um Secretariado internacional em Berlim, lidera a luta contra a corrupção para fazer com que essa visão se torne realidade.

Figura 14 – Educação Financeira e o desenvolvimento do Brasil



Fonte: Autoria própria (2020).

76,1% responderam que Educação financeira é extremamente importante para o desenvolvimento do Brasil e 22,4% declararam que é muito importante, totalizando que 98,5% dos entrevistados creditam à Educação Financeira como parte das premissas por um Brasil melhor no futuro.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de sua jornada, o ser humano sempre teve que conviver com a escassez de recursos. Os que perseveraram e prosperaram sempre foram aqueles que souberam administrar seu patrimônio com austeridade e sapiência. Para os pródigos e néscios, a iminência da ruína. O cerne da Educação Financeira é este: a conversão das teorias relacionadas à Finanças em sabedoria, com a finalidade de utilizar os recursos disponíveis de maneira eficiente e sustentável. É a proteção - acima de tudo - do patrimônio conquistado com tanto esforço, para assim então estabelecer estratégias inteligentes de crescimento e perpetuação dele, garantindo para os seus herdeiros um legado que os auxiliarão nos grandes percalços da vida.

No Brasil, a ordem geral de comportamento e atitude da sociedade sempre foi a de consumir, de maneira imediata, os rendimentos provenientes do seu trabalho, sem se preocupar com as incertezas do futuro. Os elevados índices de endividamento e inadimplência de nossa população são a óbvia consequência dos baixos índices de alfabetização financeira apresentados neste artigo. É a deficiência cultural de um país que considera, em todos os níveis da sociedade, irrelevante debater com seus filhos sobre dinheiro e controle de gastos, mantendo um círculo vicioso de péssimos hábitos financeiros.

Conforme análise das Estratégias de Educação Financeira Americana e Australiana, a efetiva implementação de boas práticas financeiras advém do esforço conjunto - de todas as instituições da sociedade - em promover políticas voltadas para incentivar uma mudança de comportamento e perenizar as boas práticas financeiras, começando prioritariamente pelos mais jovens. Os agentes naturais de uma mudança de comportamento, presentes nos países mais desenvolvidos, foram omissos no Brasil. Apesar disso, verificou-se que as Gerações Y e Z despertaram um interesse repentino por Educação Financeira: foi necessário o surgimento de um fator externo para incentivar - e até mesmo provocar - a vontade na mocidade brasileira de se planejar financeiramente.

A Internet possui características únicas que a diferencia dos demais meios de comunicação que já existiam antes dela. Democratismo e interatividade são as mais evidentes. A popularização da Rede Mundial de Computadores em todas as classes sociais e faixas etárias, sobretudo nas Gerações Y e Z, permitiu que conteúdos de temáticas diversas pudessem ser

consumidos de maneira proativa, ou seja, a informação absorvida é uma causalidade do interesse genuíno do agente receptor pela mensagem transmitida pelo agente transmissor.

Incentivados por todo este cenário favorável, os influenciadores digitais de Educação Financeira e Investimentos se tornaram os grandes agentes responsáveis por uma mudança de comportamento das gerações Y e Z, ensinando de forma didática e até mesmo divertida, transformando teorias até então tediosas em conteúdo de entretenimento. Devido ao pioneirismo, muitas lacunas existentes podem e devem ser preenchidas. Entretanto, compreende-se plenamente, através dos dados e informações apresentadas ao longo do artigo, que um marco foi estabelecido e os alicerces já estão firmados: Educação Financeira e Investimentos estão se inserindo gradativamente no cotidiano das Gerações Y e Z. Muitas das grandes transformações e evoluções da humanidade começaram com pequenas decisões e atitudes. Sendo assim, há grandes indícios de estarmos testemunhando a inserção de uma nova cultura na nossa sociedade – a das boas práticas de Educação Financeira –, que por sua vez contribuirá de forma relevante para o desenvolvimento econômico e social do Brasil.

## REFERÊNCIAS

AUSTRALIAN SECURITIS & INVESTMENTS COMMISSION (ASIC). Australians in control of their financial lives. **ASIC**: Austrália. 2020.

BBC. **Como o Brasil se compara com os países mais endividados do mundo**. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51210538>. Acesso em: 15 out. 2020.

BOWEN, Charles F. Financial knowledge of teens and their parents. **Journal of Financial Counseling and Planning**. 2002. 13(2), 93.

CERBASI, Gustavo. **Investimentos inteligentes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

DAL MAGRO, Cristian Baú; GORLA, Marcello; DA SILVA, Tarcísio; HEIN, Nelson. O efeito da família no comportamento financeiro de adolescentes em escolas públicas. **Revista de Contabilidade e Organizações**. v. 12, p. 1-21, 2018. DOI 10.11606/issn.1982-6486.rco.2018.142534. Disponível em: <http://web.b.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=31&sid=e20c5ac4-987f-46fe-91fd-63d68ad2b82b%40sessionmgr103>. Acesso em: 15 out. 2020

DUHIGG, Charles. **O poder do hábito: porque fazemos o que fazemos na vida e nos negócios**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

EXAME. **Endividamento no Brasil bate recorde e deve aumentar devido ao coronavírus**. 2020. Disponível em: <https://exame.com/economia/endividamento-no-brasil-bate-recorde-e-deve-aumentar-devido-ao-coronavirus/>. Acesso em: 15 out. 2020.

GARCIA, Manuel Enriquez; VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval de. **Fundamentos de Economia**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2014.

IBGE. **Projeções e estimativas da população do Brasil e das Unidades da Federação**. 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>. Acesso em: 11 set. 2020.

IMPACTA. **Geração Y, X e Z: como se relacionam com o trabalho e a tecnologia?** 2019. Disponível em: <https://www.impacta.edu.br/blog/geracao-y-x-e-z-como-se-relacionam-com-o-trabalho-e-a-tecnologia/>. Acesso em: 11 set. 2020.

INFOESCOLA. **Geração Y.** 2020. Disponível em: <https://www.infoescola.com/sociedade/geracao-y/>. Acesso em: 06 out. 2020.

LEAL, Jackeline. Geração X, Y ou Z: as verdades por trás do estereótipo. **O Papel**, v. 79, p. 36-37, jun. 2018.

LEANDRO, Julio; GONZALES, Lauro. Desafios da educação financeira. **GV-executivo**, v. 17, n. 6, p. 13-15, nov/dez2018. DOI 10.12660/gvexec.v17n6.2018.77786. Disponível em: <http://web.b.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=5&sid=e20c5ac4-987f-46fe-91fd-63d68ad2b82b%40sessionmgr103>. Acesso em: 15 out. 2020

NIGRO, Thiago. **Do mil ao milhão: sem cortar o cafezinho.** Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.

ORGANIZAÇÃO PARA COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OECD). **Education a Glace.** **OECD:** França. 2011.

PADILHA, Heloisa; KLIMICK, Carlos; COUTINHO, Laura. **Educação financeira: como planejar, consumir, poupar e investir.** São Paulo: Senac, 2018.

PREVIC. **O que é Educação Financeira?** 2005. Disponível em: <http://www.previc.gov.br/regulacao/educacao-previdenciaria/educacao-financeira-e-previdenciaria/o-que-e-educacao-financeira>. Acesso em: 15 out. 2020.

SALTORATTO, Gustavo Mello; GASCHLER, Tamara; AGUIAR, Virgínia do Socorro Motta; OLIVEIRA, Maria Célia de. Geração Z e os seus impactos na cultura organizacional. **Revista Produção Online**, v. 19, n. 3, p. 1027-1047, 2019. DOI 10.14488/1676-1901.v19i3.3600. Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=foh&AN=139090479&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 10 nov. 2020.

VIEIRA, Glauciane; PESSOA, Cristiane. Educação financeira pelo mundo: como se organizam as estratégias nacionais? **Educação Matemática Pesquisa**, v. 22, n. 2, p. 658-688, 2020. DOI 10.23925/1983-3156.2020v22i2p658-688. Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=foh&AN=145358690&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 15 out. 2020.

## **AGRADECIMENTOS**

Principalmente agradeço a Deus, pela sua Graça diária e por ser uma constante Fonte de perseverança e temperança, qualidades que foram imprescindíveis para a conclusão deste Trabalho de Conclusão de Curso. O SENHOR sempre esteve ao meu lado.

Aos meus pais, Marcia Marques e Alexandre Prestes Dias, cujos incentivos foram incessantes, como também pela infinita compreensão do meu isolamento e poucos diálogos neste último semestre.

Ao Gerente Geral do Bannisul Elvio Biazi Bolzan, por acreditar em mim e no meu potencial em um momento difícil da minha vida.

Ao Banco do Estado do Rio Grande do Sul, pelo voto de confiança ao deferir meu pedido de inclusão ao Programa de Incentivo à Qualificação Superior, possibilitando um importante auxílio financeiro para concluir o Curso de Ciências Contábeis.

À Universidade La Salle e todo o seu competente quadro de funcionários, pelo seu excelente suporte, célere atendimento e qualidade no ensino.